

A MÚSICA E AS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS: UM ESTUDO EM EDUCAÇÃO INTEGRAL

Sinara Ferreira de Souza¹

RESUMO: Este trabalho é resultado de uma pesquisa que teve por objetivo apresentar as possíveis influências da música na aprendizagem dos alunos que participam do Programa Mais Educação/ Educação Integral, buscando compreender as ações dos monitores e a do monitor da Banda, em particular, no processo de aprendizagem dos alunos em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Integral- Aprendizagem- Programa Mais Educação- Práticas pedagógicas - Música

1. INTRODUÇÃO

Em termos de políticas públicas de educação do Governo Federal, a aprovação do Programa Mais Educação em 2007, teve o grande desafio de desenvolver práticas pedagógicas para estudantes que vivem em comunidades de diferentes meios culturais, buscando a construção de algo comum para todos, construindo uma nova lógica para a organização escolar em relação à ampliação do tempo e dos espaços educativos na escola.

O Programa Mais Educação, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Breno Jardim Garcia, foi implantado por iniciativa do Governo Federal, em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação no segundo semestre de 2008, sendo essa a primeira escola do município de Gravataí a ser contemplada com o Programa, para atender as necessidades dos alunos, considerando os índices do IDEB e por estar situada em uma comunidade de vulnerabilidade social e de extrema pobreza. Pode-se considerar que o principal objetivo foi o de elevar os níveis de aprendizagem, através do acesso às atividades de artes, cultura, esporte, lazer, dentre outros,

¹ Licenciada em Educação Física pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Especialista em Gestão Escolar, Supervisão e Orientação Escolar pela Universidade Castelo Branco (UCB) e Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Unintese. Professora da Rede Municipal de Gravataí. Artigo apresentado como pré-requisito para conclusão do Curso de Especialização em Educação Integral Integrada na Escola Contemporânea da UFRGS, com financiamento do FNDE. manusina@gmail.com

entendendo a importância de uma educação voltada para a integralidade do ser humano.

Nessa escola evidenciou-se uma significativa mudança tanto nas atitudes dos alunos, quanto nos seus processos de aprendizagem em sala de aula. Essa mudança foi constatada através das avaliações dos alunos e dos depoimentos de professores no Conselho de Classe.

De acordo com essas evidências, fica claro que também o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), sofreu alterações, ou seja, foi possível alcançar a meta proposta, sendo que isso ocorreu mais efetivamente nas séries iniciais.

Considerando tais resultados, é que decidi investigar as possíveis influências da oficina pedagógica de música na aprendizagem dos alunos. Essa investigação se deu particularmente na oficina da Banda, para tentar compreender as ações do monitor e, principalmente, do Maestro Laércio Eufrázio, que ministrou esta oficina na escola desde 2009.

Nesse sentido, foram observadas questões como: que saberes, que conhecimentos, que habilidades realmente estão sendo desenvolvidas com as crianças nas oficinas e o que acontece no turno regular.

Essa investigação reveste-se de fundamental importância, porquanto possibilitou avaliar a influência de um Programa de Educação Integral nas escolas, principalmente na oficina da Banda, tendo em vista o crescimento pessoal e avanço cognitivo dos alunos. A constatação do que ocorre em uma escola com um Programa bem sucedido, pode contribuir para ações pedagógicas da mesma natureza em outras instituições escolares.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O Programa Mais Educação integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como estratégia de governo para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral, visando contribuir para a qualificação das aprendizagens escolares, diminuição das desigualdades educacionais e a valorização da diversidade cultural brasileira. (Rede de Saberes Mais Educação, 2009)

Dados do Censo Escolar apontam as grandes desigualdades que existem nas escolas do país em termos de vulnerabilidade, risco social, situação de pobreza,

dificuldade de permanência na escola, adequação e qualidade do atendimento, assim como baixo rendimento escolar, defasagem idade/série, altos índices de reprovação e evasão, apesar de o acesso à escola ter sido ampliado consideravelmente. (Xavier, 2009)

Conforme (Moll, 2009), a proposta de Educação Integral como processo que abrange a integralidade da pessoa humana, deve estar presente no projeto educativo das escolas e não só na extensão da jornada escolar. Ainda, a qualidade das atividades a serem desenvolvidas, quando falamos em espaço significa todos os lugares em que a vida em sociedade ocorre e que podem ser potencializados como espaços educativos.

Consultando a Série Cadernos Pedagógicos, 2009 encontramos a idéia de que o Programa Mais Educação prevê a oferta de um conjunto de macrocampos, de onde destaco acompanhamento pedagógico, que se refere às atividades propostas para diferentes áreas de conhecimento a serem desenvolvidas na perspectiva da Educação Integral, visando proporcionar apoio metodológico, procedimentos e materiais voltados às atividades pedagógicas e lúdicas para o ensino e a aprendizagem, contextualizados em projetos de trabalho educacional, de acordo com a necessidade e com respeito ao tempo de aprendizado de cada criança.

Para organizarmos as atividades do Acompanhamento Pedagógico, devemos oferecer elementos interessantes para contemplar a integração entre todas as áreas de conhecimentos e as experiências educativas que acontecem a partir da escola, lembrando sempre de favorecer o diálogo entre os diversos agentes e as diferentes ações voltadas à Educação Integral, que envolve um processo cooperativo de planejamento e de avaliação entre os alunos e os educadores.

Com referência à seleção dos alunos, as Diretrizes do Programa apontam que deverão ser contemplados aqueles alunos com históricos de evasão e/ou repetência, vulnerabilidade social e situação de pobreza. A seleção deve se realizar com base nas avaliações e registros que a escola possui sobre os alunos. A partir dessa seleção, é necessário um olhar mais atento para cada um desses alunos, com o objetivo de traçar um diagnóstico acerca de suas necessidades e identificar possibilidades de agrupamentos diversos que contemplem também seus interesses e potencialidades, valorizando a diversidade de saberes, experiências de vida e trajetórias escolares, levando em conta que os alunos aprendem melhor quando a ludicidade está presente nas propostas.

O Acompanhamento Pedagógico, como todo processo educativo, exige procedimentos de controle e avaliação e efeitos das ações propostas na aprendizagem dos alunos, objetivo esse do Programa Mais Educação. É necessário então a previsão de espaços de avaliação sistemáticas, o compromisso com o registro sobre os avanços e fragilidades do programa, a socialização do que está sendo feito, através de diálogos entre todos os envolvidos, devendo ser incentivada pela equipe pedagógica e gestora da escola, através de encontros sistemáticos com os professores para troca de impressões e para o planejamento de ações convergentes e em espaços formais de avaliação como o Conselho de Classe.

Conforme Beatriz Fischer (2002) desde os anos 90, o conflito de paradigmas epistemológicos parece ter intensificado o nível de ansiedade entre muitos docentes, tanto em relação à forma de ensinar quanto à forma de avaliar. A autora diz que quando não se possui dúvidas acerca de “como o aluno aprende”, igualmente não se tem dúvidas sobre como avaliá-lo, ou seja, se acreditamos que o aluno aprende de tanto ouvir, de tanto ver, ou de tanto repetir, também acreditamos que ele mostra ter aprendido ao reproduzir o que ouviu. Se ensinar é entendido como sinônimo de mensuração daquilo que o aluno foi capaz de adquirir.

Elvira Lima (2007) em seu texto Currículo e Desenvolvimento Humano, diz que a criança constrói seu próprio conhecimento. A criança desempenha um papel importante em seus processos de aprendizagem, mas não os realiza sozinho: antropologicamente, estes processos de dão por meio da ação dos adultos, onde a vinda da criança para a escola tem, entre outros, um objetivo claro e preciso: aprender determinados conhecimentos e dominar instrumentos específicos que lhe possibilitem a aprendizagem. E aprender, sobretudo, a utilizar estas aquisições não só para o seu desenvolvimento pessoal, como para o do coletivo, onde o educador necessita adequar sua prática pedagógica às possibilidades de desenvolvimento e de aprendizagem de seus educandos.

Para que ocorra aprendizagem é necessário retormar-se o conteúdo em momentos diferentes, pois o domínio de um conteúdo dá-se ao longo do tempo. Trabalhar muitas vezes o mesmo conteúdo, de formas diferentes promove a ampliação progressiva dos conceitos.

Com o papel de socializador do conhecimento formal, o professor deve ser incluído, juntamente com o aluno, no centro da discussão sobre o currículo. Cabem a ele tarefas específicas, no sentido de constituir no educando uma relação de

curiosidade e indagação com o saber, bem como consolidar as formas de atividades que levam à aprendizagem. Desenvolver no aluno a habilidade de estudo é parte integrante e fundamental do processo de ensino.

É importante que o professor, em seu planejamento, estabeleça tempos determinados para ensinar os alunos registrar e fazer, do registro, hábito de estudo.

Elvira Lima destaca que, as artes englobam atividades datadas de milênios na espécie humana, como a música, a dança, o desenho e a pintura. Elas proporcionaram o desenvolvimento cultural da espécie que, a um determinado momento, passou a produzir práticas científicas e a sistematização do conhecimento. Esse desenvolvimento foi possibilitado, em grande parte, pela escrita que permitiu o registro.

Na arte, o ser humano é visto como um ser integral, condição mesma para que a experiência estética da arte exista. Na educação ainda se busca este integral, pois se fala do aluno considerando os aspectos: emocional, cognitivo, social, afetivo, cultural.

A arte se coloca na escola como um domínio que engloba formas de ação humana necessárias para que o currículo leve, efetivamente, ao desenvolvimento humano na escola.

Práticas culturais como brincadeiras infantis, danças, manifestações coreografadas e canções são oportunidades de desenvolvimento, que formam redes neuronais, que dão suporte à aprendizagem dos conteúdos escolares. Isto acontece pela interdisciplinaridade interna do cérebro.

Ainda, Elvira Lima diz que a ação de construir conhecimento na escola envolve o educando, o educador e o conhecimento, formalmente, organizado. Esta ação, todavia, insere-se no contexto sociocultural, uma vez que a escola não existe como instituição independente. Inserida no tecido social, a escola tem uma dimensão política que reflete na dinâmica da sala de aula e, evidentemente, na formação do ser humano.

De acordo, com o texto referência para o debate nacional, série Mais Educação/Educação Integral (2009), toda escola está situada em uma comunidade com especificidades culturais, saberes, valores, práticas e crenças- o desafio é reconhecer a legitimidade das condições culturais da comunidade para estimular o diálogo constante com outras culturas. A educação é um dos ambientes da cultura marcada pela reconstrução de conhecimentos, tecnologias, saberes e práticas. Não

importa a área de formação dos professores, seus trabalhos se realizam em territórios culturais nos quais os estudantes estão situados.

A partir da contribuição de Paulo Freire, um dos maiores pensadores brasileiros, é possível dizer que a educação deve ser uma prática participativa inseparável do âmbito da cultura.

Mas, como pensar os desafios metodológicos que envolvem a articulação entre educação e cultura, sem nos referirmos à diversidade cultural brasileira, sem nos referirmos à riqueza e importância das linguagens (visual, dramática, musical, corporal) que se espalham pelo território nacional e refletem os saberes de cada região e de sua população? A aceitação e o reconhecimento dessa diversidade implica revermos, inclusive, um certo elitismo peculiar à formação cultural, deixando de lado as hierarquias criadas entre erudito e popular.

Portanto, perceber a educação como cultura é fundamental para a formulação de metodologias educacionais de qualidade, capazes de assimilar os vários aspectos culturais como fatores relevantes e que podem ser utilizados em benefício de melhores resultados educativos. Compreender que a educação faz parte e tem responsabilidades com o processo de constituição e transformação de um povo, é encará-la como suporte para a composição de contornos culturais. Além disso, é preciso lembrar, também, que a Educação Integral deve ser estruturada a partir de um diálogo entre comunidade e escola, entre estudantes e professores, levando-se em conta os saberes locais e a cultura da região.

Considerando todos esses conceitos desenvolvidos, ressalto mais uma vez a importância de um olhar mais atento à música, para melhor entendermos sua influência na aprendizagem dos alunos.

No que se refere ao Macrocampo de Cultura e Artes do Programa Mais Educação, são utilizadas as linguagens artísticas: visual, musical, corporal e dramática, em função das atividades.

Conforme Série Cadernos Pedagógicos, Cultura e Artes (2009), quando falamos em linguagem, estamos nos referindo a uma forma de expressão individual ou coletiva, um universo comunicacional composto por signos que podem ser visuais, auditivos, gestuais, entre outros.

A música, através de suas especificidades, tem a capacidade de interagir com outras linguagens e outras culturas. Comunica-se com a matemática com a literatura, com as ciências sociais e humanas, com a arquitetura, com todas as

formas de expressão artística e com as novas tecnologias, permitindo vários trabalhos didático-pedagógicos.

Se pararmos para analisar, todos os sons que ouvimos são como instrumentos musicais não convencionais tocando alguma melodia: os sons da natureza, e os sons da cidade, das pessoas, barulhos de carro, buzinas, trens, tudo isto compõe a paisagem sonora, que nos traz o sentimento de pertencimento, de fazer parte dos ambientes nos quais vivemos e transitamos. Nós experimentamos a música, todos os dias, em nosso cotidiano, desta forma temos a impressão de que a música pulsa cheia de vida nos diferentes ambientes nos quais vivemos. Por que o mesmo não acontece, quando ela está inserida no contexto escolar?

A história da educação musical está associada à cultura da humanidade e, portanto, faz-se necessário reconhecê-la e inseri-la como aliada ao trabalho e a práxis pedagógica de cada escola. Como a cultura, a música é dinâmica e apresenta múltiplos usos e funções, sendo investida de diferentes significados: a função de expressão emocional, de prazer estético, de entretenimento, de comunicação, de representação simbólica, de resposta corporal, de facilitar o conformismo às normas sociais, de validar instituições e rituais religiosos, de contribuir para a continuidade e estabilidade da cultura e a de contribuir para a integração da sociedade.

Assim, para discutirmos a importância da música na educação, é necessário pensarmos nos diversos significados atribuídos à música, nas funções que ela pode desempenhar e em suas aplicabilidades em cada sociedade. Snyders (1992) comenta que a função mais evidente da escola é preparar os jovens para o futuro, para a vida adulta e suas responsabilidades. Mas como fazê-lo e de que forma a educação musical pode nos auxiliar neste processo?

No momento em que vivemos a expectativa da volta da música nas escolas, a partir de 2011, o Programa Mais Educação apresenta-se como a oportunidade de vivências musicais no ambiente escolar com variadas perspectivas e enfoques.

A escola se não é, pode tornar-se o espaço mais democrático de acesso a diferentes formas de aprender, permitindo aos educandos a oportunidade de conhecerem novas formas de interagirem com a música, seja nas aulas formais, ou em atividades extracurriculares. Diante desse panorama, é preciso considerar a realidade da diversidade musical, no sentido de conhecer os sujeitos, dentro do contexto da escola e suas relações com a música, conhecer os alunos, suas práticas

musicais, entender as articulações produzidas entre sujeitos e suas subjetividades, estimulando-os a desenvolver a música e a aprendizagem musical através de outras práticas, paisagens sonoras e instrumentos, lembrando que nem toda e qualquer prática musical necessita ir para a aula ou precisa ser didatizada em atividades musicais formais.

Quando pensamos em música, logo a associamos à expressão sonora, seja ela, tocar um instrumento musical, cantar ou apreciar uma performance. Escapa-nos a percepção de que antes de executar uma música faz-se necessário o ouvir. Ouvir sua emoção, seu grupo e sua realidade; para compor, interpretar, integrar e posicionar-se. Estas são etapas que aperfeiçoam a capacidade de analisar, criticar, tomar iniciativas e desenvolver ações, permitindo a construção de propostas que possam agregar não só as diferentes linguagens do Macrocampo Cultura e Artes, mas também de inserir nesta construção os outros conteúdos do currículo. As opções oferecidas, dentro da linguagem musical, no Programa Mais Educação permitem uma variedade de combinações, de dinâmicas de grupo, que podem ser exploradas enquanto áreas isoladas – Canto Coral, Percussão, Flauta Doce, Banda Fanfarra e Hip-Hop, como em seu conjunto. Elas podem tanto estar isoladas das outras linguagens, corporal, dramática e visual, como trabalhar integradas dentro de projetos pedagógicos interdisciplinares.

Hentschke (1991), fala se somos considerados por muitos como um país rico em diversidade e manifestação musical, é difícil de entender e aceitar que o ensino de músicas nas escolas não se encontra ainda disseminado. Se, atualmente, vivemos numa sociedade urbana e industrial, em crescente processo de desenvolvimento, onde várias manifestações culturais se propagam de modo bastante intenso, rápido e diversificado, não seria exagero imaginar que nossos alunos estariam imersos e que teriam à sua disposição uma variedade musical imersa e rica, formada por músicas de vários estilos, formas e épocas.

Segundo Mársico (1982), o desenvolvimento musical, como todo desenvolvimento humano, parte de experiências concretas e aos poucos se orienta para o conhecimento abstrato da linguagem musical. Os conceitos musicais não são adquiridos definitivamente num determinado momento. São primeiro apreendidos vagamente e depois progressivamente compreendidos e interpretados, cada vez com maior precisão. Isso significa que diferenças individuais existem e que nem todas as crianças atingem, ao mesmo tempo, o mesmo nível de desenvolvimento.

Gordon (2000) afirma que não se deve esperar ou exigir respostas musicais específicas por parte das crianças. Como no desenvolvimento da fala, o desenvolvimento musical numa criança não é imediato.

A transição de uma etapa para outra mais avançada envolve um processo de integração e amadurecimento, onde circunstâncias exteriores associadas aos fatores inerentes ao sujeito concorrem para as mudanças que se verificam no decorrer dos desenvolvimentos afetivo, psicomotor, cognitivo e musical.

Alícia Loureiro (2003), diz que a educação musical tem uma função socializadora e que vem contribuir no desenvolvimento e na formação integral do indivíduo. A importância da música na escola reside, então, na possibilidade de despertar habilidades e condutas na criança, levando-a a sentir-se sensibilizada pela música, valendo-se da criação e da livre expressão.

A relação escola e comunidade pode ser marcada pela experiência de diálogo de trocas, de construção de saberes e pela possibilidade de, juntas, constituírem-se em uma comunidade de aprendizagem, de modo que a interação entre as pessoas que atuam na escola e as que vivem na comunidade possa auxiliar a superação de preconceitos, muitos deles calcados em estereótipos de classe, raça/ etnia, gênero, orientação sexual.

Estudos recentes, como os de Abramovay (2004), têm apontado que tanto as “dificuldades de aprendizagem” quanto o “bom desempenho escolar” não se relacionam exclusivamente às condições cognitivas dos alunos, mas, principalmente, à (in) adequação do sistema escolar, à distância/aproximação cultural entre escola e seu público, e ao (des) respeito que os alunos e educadores sofrem no ambiente escolar.

Abramovay (2004) diz que, aprender significa estar com os outros, implica acolhida, implica presença física e simbólica, implica ser chamado pelo nome, implica sentir-se parte do grupo, implica processos de colaboração, implica ser olhado. Aquele que é desprezado pelo olhar da professora também o será, de alguma forma, pelos colegas. A partir daí produz-se uma intrincada rede de preconceitos que dissemina nos conselhos de classe, nas reuniões de professores, nas conversas do recreio, nos encontros com os pais. Pouco a pouco, determinadas alunos, que são numerosos no conjunto das escolas, vão ficando de fora, vão sendo rotulados com marcas invisíveis, vão sendo considerados inaptos, incapazes, inoportunos... Se usássemos a metáfora de um trem para pensar a escola, esses

seriam aqueles que viajam sentados nos últimos vagões, que, aos poucos, vão descarrilhando. Os sentimentos de não-pertencimento e de exclusão social, vividos pelos alunos, podem estar associados tanto à violência fora da escola, quanto à violência na escola e contra a escola.

A dimensão propositiva que anima o debate acerca da Educação Integral pretende instigar para o reencantamento dos fazeres escolares em seu cotidiano e para a reinvenção do olhar em relação a todos e a cada um dos estudantes.

A promoção do projeto de Educação Integral, enraizado no Projeto Político Pedagógico da escola, pressupõe o diálogo com a comunidade, de modo a favorecer a complementaridade entre os diferentes agentes e espaços educativos.

Nesse sentido, vale destacar, segundo Moll (2009), que em uma comunidade de aprendizagem, todos os espaços são educadores- toda comunidade e a cidade com seus museus, igrejas, monumentos, locais como ruas e praças, lojas e diferentes locações- cabendo à escola articular projetos comuns para sua utilização e fruição considerando espaços, tempos, sujeitos e objetos do conhecimento.

Nesse processo de aprender, o tempo assume grande importância, pois a aprendizagem requer elaboração, requer realização de múltiplas experiências, requer poder errar no caminho das tentativas e buscas, enfim, requer considerar os diferentes tempos dos sujeitos da aprendizagem.

Na ampliação da jornada escolar, na perspectiva da Educação Integral, faz-se necessária uma nova organização do currículo escolar, em que se priorize muito mais a flexibilização do que a rigidez ou a compartimentalização, o que não significa tornar o currículo frágil e descomprometido com a aprendizagem do conjunto de conhecimentos que estruturam os saberes escolares. É somente a partir do Projeto Político Pedagógico, construído coletivamente, que a escola pode orientar e articular as ações e atividades propostas na perspectiva da consecução da Educação Integral, baseada em princípios legais e valores sociais, referenciados nos desafios concretos da comunidade onde está inserida a escola.

3. METODOLOGIA

No sentido de responder às questões propostas, foi realizada uma pesquisa qualitativa através de entrevistas semi-estruturadas. Segundo André (2008), a pesquisa qualitativa pode ser identificada como aquela que não envolve números, na qual o quantitativo é sinônimo de não-qualitativo. As técnicas que podem ser

consideradas como qualitativas vão desde a observação, até uma variedade de tipos de pesquisa que envolvem trabalhos descritivos, até os estudos históricos, estudos clínicos ou pesquisa-ação.

Realizou-se um acompanhamento do trabalho dos monitores do Programa Mais Educação em que foram observadas todas as atividades constantes no Programa Mais Educação da escola Breno Jardim Garcia, de Gravataí, destacando-se a do Maestro, com quem foi realizada a entrevista nos aspectos que parecem mais contribuir para o processo de aprendizagem, na parte referente à Banda.

A entrevista semi-estruturada foi realizada com o professor da Banda, com o objetivo de verificar como se dá a relação entre o trabalho desenvolvido e as ações pedagógicas e como influenciaram nos resultados na aprendizagem.

A entrevista aconteceu no mês de maio de 2013, com duração aproximadamente de 30 minutos. Foram apresentadas onze questões, conforme segue no roteiro abaixo.

QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA

1. Tu planejas as atividades pedagógicas para a oficina? Como se dá esse planejamento?
2. Como tu atendes ou pensas em cada um e no grupo?
3. Achas que a tua prática com a música contribui nas diferentes áreas do conhecimento? Como?
4. Tu observaste resultado nas aprendizagens dos alunos? Se observaste a que atribuis? Fala um pouco sobre esse resultado e por que aconteceu no teu entender?
5. Fala sobre o modo como os alunos atuavam na oficina? Que observavas? Queres destacar alguma coisa? Como eles atuavam?
7. Crianças em processo de alfabetização como isso se relaciona com a música?
6. Há uma relação na aprendizagem da leitura, da escrita, do letramento, da música? Como tu vês isso? A música pode ser considerada uma influência importante?
8. As crianças lêem partituras? Como isso acontece?
9. E essa história de se falar em criança com dificuldades de aprendizagem, como tu vês isso? Como é na música?
10. As diferenças entre os alunos favorecem ou atrapalham no processo de ensino e aprendizagem?
11. Tem relação a matemática com a música? De que forma? Como ?

4. ANÁLISES E RESULTADOS DA PESQUISA

A entrevista foi realizada com o professor Laércio, que ministrou a oficina de Banda no Projeto Mais Educação na Escola Municipal de Ensino Fundamental

Breno Jardim Garcia. Atualmente a escola tem 120 alunos que participam do projeto, divididos em cinco turmas, contando com seis monitores para desenvolver as oficinas de Letramento, Matemática, Recreação, Desenho e Banda Marcial.

Na entrevista diálogo com o maestro, questionei acerca dos temas: planejamento, contribuição da prática da música nas diferentes áreas do conhecimento, resultado e atribuição nas aprendizagem dos alunos, modo de atuação dos alunos, relação na aprendizagem da leitura e da escrita, a música no processo de alfabetização.

Sobre planejamento, a resposta aponta que é de extrema importância e tem sempre uma atenção diferenciada de planejar, de acordo com a faixa etária do aluno, devido à dificuldade de concentração dos menores. Alícia Loureiro (2010) fala que ser professor não é tarefa fácil, muitas vezes, imaginar e planejar o que consideramos como o que há de melhor para ensinar não dá o resultado esperado, mas ser professor é permitir-se parar, refletir e refazer. Não existe um caminho pronto, uma forma infalível.

No que se refere à contribuição da prática da música nas diferentes áreas do conhecimento, o monitor afirma que a música contribui através da concentração, da disciplina, da organização, da coordenação. Essa resposta vem ao encontro do que diz Elvira Lima (2007) toda ação artística envolve disciplina, desenvolvimento do movimento e coordenação para chegar à perícia de movimentos (como para tocar um instrumento na música, do corpo para dançar), exercício do pensamento e desenvolvimento do raciocínio. Toda atividade artística se baseia, também na educação dos sentidos. Com isto há o desenvolvimento da percepção e formação de memórias que acompanham o ser humano pela vida toda, em qualquer forma de atividade que ele for realizar.

Quanto ao modo de como observa o resultado nas aprendizagens dos alunos, e a que atribui a essa aprendizagem, afirma que devido a um trabalho responsável e ao mesmo tempo flexível, não podendo tratar os alunos com muita “delicadeza” e nem com muita rigidez, pois através da oficina desenvolve-se limites, concentração, regras, interpretação e conseqüentemente resultando na aprendizagem em sala de aula. Elvira Lima (2007) diz que não é qualquer proposta ou qualquer interação em sala de aula, portanto, que promove a aprendizagem. Toda a atividade que aí se dê à criança precisa ter uma intenção clara, isto é, o objetivo precisa estar explicitado para o professor e para o aluno.

Considerando a atuação dos alunos na oficina, diz o maestro que todos gostam, colaboram e trocam experiências entre si. Também Alícia Loureiro (2003), diz que professor e aluno devem viver em harmonia. Numa simples atividade de sensibilidade sonora podem surgir a amizade, a motivação e o engajamento necessários para o bom desenvolvimento da aula.

Sobre a relação de aprendizagem da leitura, da escrita, do letramento, da música, diz que a música é considerada uma influência importante e que há uma relação entre concentração e interpretação, porque ler todos sabem, interpretar poucos sabem, muitos alunos sabem juntar e ler, mas não conseguem interpretar o que está escrito. Ivany Ávila (2012), afirma que letrar-se é mais do que conhecer o código de uma língua materna, embora seja preciso conhecê-lo; é, além disso, ter a possibilidade de penetrar os segredos das palavras, de sua combinação nos textos, dos múltiplos dizeres desses que nos convidam à informação, ao deleite, à diversão, a uma insondável gama de emoções. Viver o letramento é tudo isso e muito mais, é viver a cultura oral, a leitura, a escrita, é viver os espaços urbanos, é filiar-se aos discursos das cidades, dos espaços por onde se circula ou se deseja circular, as pessoas criam, produzem estratégias de leitura e até de escrita -sobrevivem sem o domínio da escrita nas cidades das letras, dos números, das palavras, dos símbolos, e se fazem leitores e leitoras das cidades, mas há que conferir a cada criança, a cada jovem e a cada adulto a possibilidade de viver o mundo das coisas escritas como cidadão alfabetizado/letrado.

Laércio, abordando a influência da música, ressalta que precisa ser ensinada de modo correto, pois existe uma diferença entre música com “M” maiúsculo, cuja é aquela que possui uma bela letra que agrada a todos os seres e a música com “m” minúsculo, que são os funk, onde as letras não servem para nada. Em consonância, com essa idéia, Alícia Loureiro (2003), diz que o momento atual requer dos educadores musicais, a consciência da diversidade de expressão musicais e a necessidade de abranger essa pluralidade dentro do contexto escolar. É uma questão de desenvolver no aluno a percepção crítica como ouvinte, diante do fenômeno da massificação, do consumismo musical exagerado. E, nesse caso, o papel da escola é de suma importância.

Sendo para nosso entrevistado a relação da música com a alfabetização são muito parecidas, pois ambas precisam de concentração, a música é um desenvolvimento muito lento igual a alfabetização, mas ao mesmo tempo diferente

no sentido da escrita. É importante sinalizar as possibilidades que a música oferece ao processo de alfabetização, numa perspectiva de integração com as atividades propostas no caderno pedagógico de Alfabetização. A sonoridade, bem como outros elementos presentes nas letras das músicas, apresentam-se como elementos interessantes na fase de aprendizagem da leitura e escrita. Transformar letras de músicas conhecidas pelas crianças em propostas de atividades didáticas em sala de aula, tem se mostrado muito eficaz na organização do pensamento dos alunos, quando estão apropriando-se do código de base alfabética. As músicas, em sua maioria, por serem cadenciadas de rimas, sonoridade e algumas de muita leveza, podem ajudar as crianças a aprenderem com mais facilidade.

A leitura das partituras pelas crianças, se dá de uma maneira cifrada que aguça a curiosidade de conhecimento da criança, precisando de muita concentração, onde o desenvolvimento é muito lento, mas o que há de positivo é que a música motiva a aprendizagem.

Sobre dificuldade de aprendizagem na música não existe, porque todos aprendem, o preconceito de que é preciso possuir o “dom” inato para fazer música não precisa mais existir, qualquer pessoa pode aprender música e se expressar por meio dela, desde que sejam oferecidas condições necessárias para sua prática. Elvira Lima (2007) nos diz que é um equívoco considerar o aprender como uma atividade cognitiva entendida, unicamente, como desenvolvimento intelectual. A construção do conhecimento envolve a emoção e, por ser uma ação social implica trocas afetivas. Desta forma, a pessoa que aprende está presente em sua totalidade na situação de aprendizagem, assim como suas experiências na escola e com o conhecimento constituirão sua personalidade e sua forma de colocação no meio.

Falando em diversidade, no que se refere às diferentes faixas etárias, sexo, cor, inclusão, como essas diferenças entre os alunos favorecem ou atrapalham no processo de ensino e aprendizagem, a diversidade sempre favorece, porque a música os atrai e acabam aprendendo com facilidade, havendo um comprometimento, uma concentração e uma motivação para a aprendizagem. Devendo levar em conta, na aprendizagem musical, que os alunos são diferentes em vários sentidos, têm desejos e interesses diversos. Há de se pensar nessa diversidade e procurar adequar as atividades aos interesses dos alunos, buscando respeitar a cultura e o conhecimento de cada um, a fim de proporcionar uma aprendizagem favorável ao desenvolvimento total do aluno. Do mesmo modo, Elvira

Lima (2007), também afirma que a aprendizagem é um processo múltiplo, isto é, a criança utiliza estratégias diversas para aprender, com variações de acordo com o período de desenvolvimento.

Com referência à formação do monitor, formado em licenciatura em Matemática, pelo Prouni, afirma que a oficina de música tem uma relação com a matemática através, das divisões, ritmos, compassos “tudo na música é matemática”. Miguel Ratton (1993), na sua definição mais simples, Música é “ritmo e som”. Ou seja, é uma combinação de sons executados em determinada cadência. A importância da Matemática na Música está presente desde a concepção mais fundamental do que é “som musical” e do que é “ritmo”. Os sons com os quais podemos criar nossas músicas constituem o que chamamos de “escala musical”. Esses são definidos a partir de relações matemáticas muito precisas e, quando combinados de determinadas maneiras, podem produzir resultados agradáveis aos nossos ouvidos. Essas relações matemáticas, junto com as características intrínsecas das vibrações sonoras, são a base para a “harmonia” na superposição dos sons musicais. Por outro lado, a maneira como encadeamos os sons em nossas músicas também segue regras com fundamentos matemáticos. Todos os tipos de ritmos que podemos conceber musicalmente obedecem a algum tipo de divisão fracionária, cuja característica sempre está vinculada a um determinado gênero artístico ou a um tipo de cultura. Conhecer essas influências matemáticas é, antes de tudo, conhecer a essência da própria Música.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos um momento eficaz da educação pública, apesar de termos muito ainda por fazer.

O Programa Mais Educação, no âmbito pedagógico e curricular, colabora para o exercício cotidiano da progressiva expansão e reorganização do tempo escolar, assim como da progressiva inclusão de estudantes na possibilidade de processos educativos escolares ampliados e ressignificados, pois nenhuma escola transforma-se, de um dia para o outro, em escola de jornada ampliada, em escola que inclui várias refeições diárias, em escola que acompanha qualifica e diversifica a experiência formativa de seus estudantes.

Ao fazer uma retrospectiva do caminho percorrido para chegar até aqui, percebo o quanto foram difíceis os desafios, porém, não intransponíveis. É

importante destacar que na Escola Breno Jardim Garcia, de Gravataí, não foi diferente, em 2008 quando iniciou o Programa Mais Educação, houve muita resistência por parte dos professores e funcionários, já que o sossego do intervalo ao meio dia havia acabado e o aumento de serviço também, sem contar que os espaços físicos da escola não eram suficientes para atender o Programa, a Sala dos Professores, o Laboratório de Ciências e a Biblioteca se transformaram em salas para as oficinas.

Mas, aos poucos, foram construídos os espaços para o Projeto e também os resultados começaram aparecer, como as apresentações da Banda nos eventos do município, a festa de Natal com inúmeras apresentações das crianças, o aumento dos índices do IDEB e também as aprovações escolares que chegam a 90% dos alunos que freqüentam o Programa Mais Educação, sem contar com a mudança dos alunos nos aspectos afetivos, cognitivos e comportamentais.

A partir dos estudos com a entrevista e os textos, podemos dizer que ao utilizar a música desenvolve-se o processo de construção do conhecimento, que desperta e desenvolve não somente o gosto musical, como ainda favorece o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, da socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação e conseqüentemente na aprendizagem dos alunos.

Hoje é possível perceber, no cotidiano da escola e da comunidade, a importância e a necessidade do Programa, pois muitos fatores contribuíram para enriquecer a efetivação das ações na implementação do programa como: seriedade da gestão, provocando clima para mudanças, formação de equipe, fortalecimento do processo de comunicação, desenvolvimento de confiança e comprometimento, sensibilização dos pais e criação de uma nova visão sobre a importância de projetos inovadores até tornar-se a **Menina dos Olhos** da escola.

Na escola Breno, a educação não é vista como um depósito de informação, mas o respeito à história de cada aluno, a cumplicidade entre querer ensinar e se permitir aprender, onde há a troca de experiências, de sonhos, de ideais e, por que não dizer, de amor. O amor é capaz de quebrar paradigmas e barreiras, mas o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor, este é o grande diferencial da escola.

Ficou bastante claro, durante as observações e a entrevista que o professor é o grande agente do processo educacional, onde em suas aulas transborda o afeto, a cumplicidade, a responsabilidade, a participação no sucesso na conquista do seu aluno, é o referencial, o líder, o interventor seguro, capaz de auxiliar o aluno em seus sonhos, seus projetos, tornando-os mais felizes e também tornando uma escola dos sonhos dos sonhadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 14 ed. São Paulo: Papiros, 2008.

ARROYO, Miguel G. **O direito a tempos-espacos de um justo e digno viver**. In: Moll, Jaqueline (Org) Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012.

ÁVILA, Ivany Sousa. **Por entre olhares, danças andanças, os alfabetismos, letramentos, na perspectiva da educação integral**. In: Moll, Jaqueline (Org) Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012.

Educação Integral: texto referência para o debate nacional. – Brasília: Mec, Secad, 2009

LIMA, Elvira Souza. **Indagações sobre currículo: currículo e desenvolvimento humano**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MOLL, Jaqueline. **Um paradigma contemporâneo para a educação integral**. In: Pátio Revista Pedagógica, Número 51, Ano XIII, Agosto /Outubro Artmed, 2009.

RATTON, Miguel. **Música e Matemática- A relação harmoniosa entre sons e números**. Texto publicado na revista Música & Tecnologia. 1993. Rio de Janeiro.

XAVIER, Maria Luisa M. **Escola contemporânea: o desafio do enfrentamento de novos papéis, funções e compromissos**. In: Bujes, Maria Isabel H. e Bonin, Iara T. (Org) Pedagogias Sem Fronteiras. Canoas: Ed. ULBRA, 2010.